

A CONSTITUIÇÃO DA AVENIDA PRESIDENTE JOÃO PESSOA ENQUANTO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE EM CAJAZEIRAS-PB (1900-1936)



<https://doi.org/10.21680/1984-817X.2025v1n01I1D38427>

José Antônio da Silva Neto²⁵

RESUMO:

O presente trabalho discute como a Avenida Presidente João Pessoa, situada no centro de Cajazeiras-PB, consolidou-se ao longo do século XX como um dos principais espaços de sociabilidade dessa cidade. A interação social desinteressada, ou "sociabilidade", conforme definida por Georg Simmel, era um dos principais atrativos da avenida, onde as pessoas se reuniam em bares, cinemas, lanchonetes e boates, reforçando laços sociais. O estudo considera as formas de sociabilidade como elementos históricos que mudam ao longo do tempo, analisando a cidade como uma produção cultural formada por memórias, interações sociais e subjetividades. A pesquisa utilizou como fontes artigos e anúncios de jornais locais e obras escritas por memorialistas.

PALAVRAS-CHAVE: Cajazeiras, espaço de sociabilidade, avenida Presidente João Pessoa, cinema.

THE CONSTITUTION OF PRESIDENTE JOÃO PESSOA AVENUE AS A SPACE FOR SOCIALIZATION IN CAJAZEIRAS-PB (1900-1936)

ABSTRACT:

The present work discusses how President João Pessoa Avenue, located in the center of Cajazeiras-PB, established itself throughout the 20th century as one of the main spaces of sociability in this city. Disinterested social interaction, or "sociability," as defined by Georg Simmel, was one of the avenue's main attractions, where people gathered in bars, cinemas, snack bars, and nightclubs, reinforcing social bonds. This study considers forms of sociability as historical elements that change over time, analyzing the city as a cultural production shaped by memories, social interactions,

²⁵ Graduado pela UFCG (Cajazeiras-PB) e mestrando pelo PPGH/UFRN (Natal-RN). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História Regional e Saberes Locais (CNPq/UFCG). Link do Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5707116444041781>. Bolsista CAPES. E-mail: jdasilvaneto4@gmail.com.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

and subjectivities. The research drew on sources such as articles and advertisements from local newspapers and works written by memorialists.

KEYWORDS: Cajazeiras, space of sociability, President João Pessoa Avenue, cinema.

Introdução

A pesquisa que realizamos possui como objetivo analisar o processo pelo qual a avenida Presidente João Pessoa, situada no centro da cidade de Cajazeiras, cidade localizada no oeste paraibana, se consolidou como o mais importante espaço de sociabilidade presente nessa cidade. Ao longo do século XX, a referida avenida foi palco de eventos²⁶ que marcaram o cotidiano dos cidadãos, como comícios políticos, festejos de carnaval, festas juninas e de ano novo, sendo, por isso, amplamente frequentada pela população local, ansiosa pela agitação pública promovida e pela oportunidade de interagir com outros transeuntes.

A frequência cotidiana à avenida João Pessoa, acentuada nos fins de semana, feriados, festas e eventos comemorativos, garantia ao público momentos de lazer e divertimento que geralmente não eram desfrutados de modo solitário. Os indivíduos que se faziam presentes nesse espaço dificilmente o faziam desacompanhados. Era comum se estar ao lado de amigos, colegas de escola ou conhecidos e, uma vez na avenida, era possível travar novos conhecimentos, desfrutar de encontros e conversas com outros indivíduos que também buscavam lazes e sociabilidades.

Ao longo de toda a extensão dessa avenida, era possível contemplar uma série de espaços criados para o lazer e o consumo, como, por exemplo, cinema,

²⁶ As descrições dos eventos culturais, lazes e práticas de sociabilidade apresentadas nesse artigo têm como base uma crônica escrita pelo jornalista cajazeirense Pereira Filho, intitulada *A Praça João Pessoa e sua História*, em que ele recorda suas vivências nesse espaço durante sua infância e juventude, entre os anos de 1960 e 1970, destacando a importância da avenida para a população da cidade de Cajazeiras. Cf.: FILHO, Pereira. *A Praça João Pessoa e sua História*. **Cajazeiras de Amor**, Cajazeiras, 14 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.cajazeirasdeamor.com/search?q=Pra%C3%A7a+Jo%C3%A3o+Pessoa>. Acessado em: 06 mar. 2021.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

bares, lanchonetes, sorveterias e boates. Muitos desses ambientes funcionavam diariamente, outros, somente nos finais de semana, sendo frequentados por indivíduos de diversas idades e condições econômicas.

Defendemos que, para além de um espaço caracterizado pelo trabalho, comércio e consumo, a avenida Presidente João Pessoa pode ser caracterizada de acordo com a promoção de interações e relações de sociabilidade. Porém, o que caracteriza ou qualifica uma relação como sendo de sociabilidade? O sociólogo alemão George Simmel foi o pioneiro teórico a propor uma definição para o conceito de sociabilidade, caracterizando-o como o conjunto das interações sociais que possuem como única finalidade, o próprio prazer de interagir (Simmel, 1997). Consiste, portanto, em uma relação desinteressada, com fim em si mesma.

De acordo com o pensamento de Simmel afirma, a sociedade é possível porque os indivíduos que a compõem atuam “com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros” (Simmel, 2006). Essas interações são mantidas em nome de determinados interesses particulares, que, para ser concretizados, demandam a união de forças.

São esses impulsos particulares que fazem os indivíduos interagirem, ou seja, são “o conteúdo e a matéria da sociação” (Simmel, 2006, p. 60). Com o passar do tempo, no interior da sociedade constituída, surgem formas de interação desinteressadas, que se justificam por si mesmas. Uma relação de sociabilidade significa uma interação mantida entre dois ou mais indivíduos que visa, antes de tudo, o prazer que a interação permite. Sociabilidade é o prazer de estar com o outro (Simmel, 2006).

Apesar de surgido na sociologia, o conceito de sociabilidade não é averso aos interesses dos historiadores. De acordo com Maurice Agulhon, historiador francês, a sociabilidade corresponde, sim, a um objeto histórico na medida em que as suas formas, ou seja, as regras, condutas e normas que orientam o conjunto de

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

interações que compõem essas relações correspondem a variáveis que se modificam em relação ao tempo e ao espaço (Agulhon, 2016).

Acreditamos que o modo como parte dos habitantes da cidade de Cajazeiras se apropriou da avenida Presidente João Pessoa, mantendo ali relações e trocas sociais, a caracteriza como um espaço de sociabilidade. Como indicam os sociólogos António Gama e Norberto Pinto Santos, os espaços são produções dos grupos sociais, da vida social e suas relações. Correspondem, desse modo, a um sistema de relações múltiplas que se impõe como condição fundamental para a socialização, um vez que as interações sociais necessitam estar situadas em um espaço, e todo espaço é consubstanciado por meio das relações que se dão nele (Gama, Pinto, 1997).

De acordo com os autores, “nestas relações [...] emergem espacialidades em que tomam evidência particular as características de sociabilidade” (Gama, Pinto, 1997, p. 14). De acordo com o pensamento expresso, os espaços promovem sociabilidades e, desse modo, dentre os vários tipos de espaços sociais, podemos identificar aqueles caracterizados por intermédio da sociabilidade.

História da formação da avenida Presidente João Pessoa

Durante a transição entre os séculos XIX e XX, havia em Cajazeiras um núcleo pulsante e em expansão, seguindo seu próprio ritmo de deslocamento, composto de artérias que aos poucos se alongavam e se ramificavam, moldando a estrutura corporal dessa cidade em gestação. A artéria que particularmente nos interessa neste estudo, a avenida Presidente João Pessoa, em princípios do século passado, não somente era muito diversa do trecho urbano que observamos atualmente, como o próprio nome que a distinguia era outro, uma vez que a nomenclatura oficial e contemporânea da avenida, adotada a partir de 1930, faz referência e homenagem ao político paraibano assassinado nesse mesmo ano, o que demonstra o impacto simbólico desse evento (Leitão, 2005).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Para além das definições oficiais, que impõem e definem nomes para os lugares, numa tentativa de fixar na memória coletiva o prestígio e a celebridade de determinadas figuras, como políticos, comerciantes e membros ilustres da classe dirigente, há os nomes não oficiais, mas que evidenciam com precisão os usos e as práticas que se fazem de determinado espaço. Em Cajazeiras, assim como em muitas outras cidades, podemos observar esse fenômeno. Havia nessa cidade, por exemplo, nomenclaturas como *Rua da Feira* e *Rua do Comércio*, formas de nomear que muito bem definem e caracterizam a percepção que a população tinha desses espaços.

Seguindo a mesma lógica, *Rua Nova* correspondia ao nome inicial atribuído ao trecho urbano que estudamos (Leitão, 2005). Topônimo simples que contém em si o significado da novidade produzida pelo surgimento, nas décadas finais do século XIX, desse espaço que, aos poucos, se constituía e expandia, abrindo novas possibilidades.

Na Cajazeiras da época, os prédios residenciais e comerciais eram erguidos seguindo uma lógica semelhante ao improviso, sem grande planejamento, de modo que novas ruas e bairros surgiam quase espontaneamente, seguindo o rumo ditado pela necessidade e disponibilidade econômica dos indivíduos que construíam suas moradias. De acordo com o escritor e memorialista cajazeirense Deusdedit Leitão, em sua obra intitulada *Ruas de Cajazeiras* (2005), a chamada *Rua Nova* foi formada a partir da construção de casas em um trecho retilíneo localizado em paralelo com a praça *Nossa Senhora de Fátima*, também conhecida como *Praça da Matriz*, em virtude de estar situada em frente à primeira igreja edificada na localidade.

Ainda de acordo com Leitão, o surgimento e expansão da Rua Nova esteve relacionado ao crescimento e desenvolvimento urbano de Cajazeiras de modo geral e, particularmente, de uma rua que lhe estava localizada imediatamente próxima, a *Rua Joaquim de Sousa*, conhecida em finais do século XIX como *Rua da Feira*, numa referência às feiras semanais que eram realizadas nesse local, próximo à Igreja Matriz (LEITÃO, 2005). Essa localidade é descrita por Leitão como sendo o primeiro

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

trecho propriamente urbano da cidade, de modo que era um sítio estratégico para a realização das primeiras feiras organizadas na localidade.

A Rua Nova se projetava então em linha reta, com residências erguidas em ambas as suas margens, se estendendo até desembocar em outro trecho de crescente importância, a *Rua do Comércio*, onde, como a própria nomenclatura popular faz notar, possuía uma quantidade expressiva de casas comerciais, correspondendo ao centro econômico da cidade. De acordo com registros de impostos prediais coletados no ano de 1890, que corresponderam à documentação pesquisada por Deusdedit Leitão com o intuito de produzir uma historiografia das ruas da cidade, a Rua Nova era o trecho com a maior concentração de casas em Cajazeiras, com cerca de trinta e cinco nesse período (Leitão, 2005).

Porém, o espaço denominado como Rua Nova não correspondia plenamente ao que, décadas depois, foi definido como avenida Presidente João Pessoa. Para além do cruzamento que a Rua Nova fazia com a Rua Joaquim de Sousa, em direção ao sangradouro do *Açude Velho*²⁷, foram sendo construídas novas moradias (cerca de 14 registradas em 1890) e a localidade foi nomeada como *Rua do Sangradouro* que, junto com a Rua Nova, formava um trecho reto em direção à Rua do Comércio. A partir do desenvolvimento econômico da cidade e seu consequente processo de urbanização, as duas ruas foram gradualmente unificadas e consideradas como uma única artéria, que seria nomeada em princípios do século XX como Rua Sete de Setembro (Leitão, 2005).

Nesse período, as ruas anteriormente citadas formavam, ao lado de outras não mencionadas, o núcleo urbano de Cajazeiras, composto por imóveis de características comerciais e residenciais, ruas sem calçamento e por prédios públicos, como a Casa da Câmara, cadeia e escolas (Figueiredo, 2022). Era um núcleo que se

²⁷ Como era conhecido o açude situado na propriedade rural da família Rolim, em cujas margens foi edificada a casa da fazenda, principiando o que seria a povoação de Cajazeiras. Cf.: SILVA FILHO, Osmar Luiz da. **Na cidade da Parahyba, o percurso e as tramas do moderno**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

expandia gradualmente e que tivera como ponto de partida as primeiras edificações erguidas às margens do açude da fazenda dos Rolim²⁸ (Silva Filho, 1999).

As feiras organizadas em Cajazeiras adquiriram um novo dinamismo com o desenvolvimento da cultura algodoeira, cuja safra reunia compradores e negociantes, produzindo riquezas para aqueles que o cultivavam em suas propriedades, coronéis envolvidos com a política e a administração da cidade. Conforme esses fazendeiros enriqueciam, o patrimônio arquitetônico urbano se expandia e se diversificava, porque novos prédios e casarões eram construídos nas principais ruas do centro (Rolim, 2010).

A riqueza produzida gerava maiores receitas e conseqüentemente, seguindo as determinações previstas em lei²⁹, mais recursos eram devolvidos na forma de investimentos, contribuindo para uma reestruturação das formas da cidade, que se metamorfoseava a cada safra bem-sucedida. Além das transformações observadas no aspecto físico, a cidade adquiria também novos ares e inspirações, estimuladas pelos ícones vindos de seu exterior, que não consistiam somente de objetos a serem vendidos nas lojas, mas ideias e discursos que penetravam nessa pequena urbe por meio dos jornais advindos de cidades maiores. Neles, a retórica do progresso, da civilidade e modernização se anunciavam, como que prevendo o início de novos tempos.

Retomando o curso de nossa artéria principal, a Rua Nova, que por fazer parte desse centro em expansão, situada entre a feira e a Rua do Comércio, adquiria também novos aspectos, era ocupada por casas comerciais, se exibindo majestosa

²⁸ Primeira família a se estabelecer na localidade, situada na Fazenda Cajazeiras, iniciando o núcleo de povoamento que daria origem à cidade. Cf.: SILVA FILHO, Osmar Luiz da. **Na cidade da Parahyba, o percurso e as tramas do moderno**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

²⁹ O governo da Paraíba criou um programa de investimentos através da lei nº. 216 de 10 de novembro de 1904, responsável por delimitar que 20% da recita dos municípios fosse destinada ao financiamento de reformas urbanas e melhoramentos na infraestrutura agrícola. Cf.: SILVA FILHO, Osmar Luiz da. **Na cidade da Parahyba, o percurso e as tramas do moderno**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

aos transeuntes. Era um espaço onde repercutia os sons ainda murmurantes, porém nítidos, do progresso que se avizinhava, finalmente se aproximando de Cajazeiras após sua longa excursão pelo mundo, das gigantes metrópoles aos lugares mais incrustados nos subúrbios da Terra.

Durante a década de 1920, Cajazeiras atravessou um processo de mudanças semelhante ao que ocorria em outras cidades dos interiores do país, incluindo cidades próximas, situadas no oeste paraibano, como Sousa, Pombal, Patos, Princesa Isabel, entre outras (Rolim, 2010). Esse processo, responsável por dotar o espaço urbano dessas cidades com novos símbolos, ícones e estruturas materiais, costuma ser denominado modernização.

A metamorfose dos espaços não transfigura apenas suas formas físicas e estruturais, mas também seus nomes e significado simbólico. Esse fenômeno ocorreu com a antiga Rua Nova, que, de acordo com Deusdedit Leitão, foi renomeada, junto com seu apêndice, a Rua do Sangradouro, para Rua 7 de Setembro durante a primeira década do século XX. Essa mudança de nomenclatura veio acompanhada de modificações estruturais, através do processo de urbanização do respectivo trecho (Leitão, 2005).

Obras que utilizaram de recursos federais foram executadas com o objetivo de ampliar o Açude Velho e transferir seu sangradouro de lugar, de modo que suas águas não fossem mais despejadas em uma área central que estava, gradualmente, se configurando como importante, em virtude dos comércios e residências instalados ali. Esse conjunto de reformas foi concluído em 1916 (Leitão, 2005). A partir de então, a via que se estendia em linha reta a partir da parede do açude, foi dotada de feições mais apropriadas para os anseios de urbanidade e civilidade pretendidos para o século corrente, com novo nome e aspecto.

Em 1925, o trecho que correspondia à antiga Rua do Sangradouro foi ocupado por outro projeto modernizante empreendido pela administração

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

municipal de Sabino Rolim, uma usina de energia elétrica (Leitão, 2005). O gerador elétrico se configurava como uma inovação de grande valor e importância para uma cidade que adormecia iluminada pela luz bruxuleante dos lampiões a querosene. Era um símbolo de progresso, denotando que novos tempos se aproximavam.

O cinema como espaço de sociabilidade na avenida

De acordo com Wills Leal (2007), em sua obra *Cinema na Paraíba/ Cinema da Paraíba*, projeções cinematográficas eram exibidas em Cajazeiras desde 1905, por mascates cearenses em dias de feira. Esses exibidores pioneiros certamente faziam suas demonstrações de modo ambulante, em meio à rua. Porém, ainda de acordo com Leal, pouco tempo depois, em 1907, foi instalado, em uma casa localizada no centro da cidade, adaptada para tal função, um cinema que funcionou em endereço fixo. Em 1915, conforme prossegue o autor, o imigrante libanês João Bichara organizou um cinema que funcionou em um prédio situado na Rua Sete de Setembro, o *Cine Moderno*.

A despeito dessas informações, o sociólogo Rozenval Estrela escreveu um artigo jornalístico ³⁰em que assegura a presença de João Bichara e o funcionamento do seu cinema desde 1905. Outros relatos, como o do memorialista Assis Costa (1999), mencionam a presença de um cinema organizado em endereço fixo em Cajazeiras a partir de 1921, o *Cine Alvorada*, gerido por um indivíduo conhecido popularmente como *Seu Vanderico*. Ainda de acordo com esse autor, João Bichara inaugurou o Cine Moderno somente em 1925, sendo, portanto, o segundo cinema a abrir suas portas em Cajazeiras (Costa, 1999).

Para além das incongruências dos relatos e desconsiderando uma cronologia precisa e metódica da história do cinema em Cajazeiras, sabemos que na década de 1920 havia um cinema chamado Cine Moderno, atraindo um público pagante para se deleitar em suas sessões. Independente do ano em que tenha

³⁰ ESTRELA, Rozenval. O cinema de Bechara. **Jornal Cajá hoje**, Cajazeiras, 22 de agosto de 2006.

começado a funcionar, o Cine Moderno foi descrito em todos os relatos como situado na Rua Sete de Setembro, assim como o Cine Alvorada.

Essa localização é reveladora, pois demonstra que esse trecho urbano se desenvolvia e adquiria novos elementos e significações à medida em que a própria cidade se desabrochava. Revela que desde as primeiras décadas do século XX, a rua estimulou a circulação de pessoas, promovendo lazeres, divertimentos e encontros. Não era, portanto, apenas um espaço residencial ou voltado ao comércio de tecidos, víveres, utensílios e serviços, mas que, além disso ofertava à população um novo tipo de consumo, o dos lazeres. É a partir de então que, em virtude da influência dos cinemas que começaram a funcionar ali, a Rua Sete de Setembro se constituiu como um espaço de sociabilidade ligado ao consumo de bens simbólicos e de entretenimento.

Diferente dos espaços vazios onde se jogava bola, ou das rodas de samba e música, o tipo de sociabilidade oferecida ali exigia do cidadão que este fosse não somente um transeunte, mas um consumidor. O Cine Moderno, como sua nomenclatura sugere, se assumia enquanto um espaço de distinção social, capaz de garantir certo status de elegância e civilidade para os seus frequentadores, que desejavam, além de se divertir com a película em exibição, partilhar de um ambiente belo e aconchegante, em presença de indivíduos de igual porte social, com quem poderiam entabular conversas e encontros agradáveis, gozando do bem-estar proporcionado através da sociabilidade entre pares.

O caráter elegante e distintivo pretendido pela gestão do cinema, se apresenta evidente no texto a seguir, publicado em uma edição do jornal *O Rio do Peixe*, em que normas de conduta são exigidas do público frequentador por parte do proprietário do Cinema Moderno, que

Tendo feito melhoramentos consideráveis na sua casa de exibição, resolve estabelecer as seguintes condições para seu perfeito funcionamento, no que espera consultar não só os próprios interesses como os de seus distintos habitués: 1º) é proibido fumar nas filas de

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

banco do centro, não só porque este hábito incomoda as exmas. famílias que sempre preferem esses bancos, como porque prejudica a projeção. 2º) O cinema não funcionará com uma casa inferior a 20 pessoas. 3º) Não haverá orquestra quando a casa for inferior a 50 pessoas. Pede todo respeito, em consideração às exmas. famílias e a boa moral. Pede ainda que ninguém cuspa no chão, em nome da higiene e da boa educação³¹.

A presença de um elemento tão simbólico e representativo da vida moderna como o cinema, contribuiu decisivamente para que a então Rua Sete de Setembro se constituísse enquanto um espaço de consumo, lazer e sociabilidade no contexto do início do século XX, significando o descortinar de possibilidades para um novo estilo de vida urbano. Com o importante auxílio da iluminação elétrica, cujo gerador também estava localizado na mesma rua, a noite foi transformada em um tempo propício para a busca de lazers, para os encontros e deslocamentos. Era mais uma característica típica de um espaço em modernização que Cajazeiras adquiriu, se tornando uma cidade propícia para o sublime que a noite poderia oferecer, sendo ocupada por grupos de amigos e casais de namorados que buscavam os prazeres oferecidos pelas luzes da cidade e pelo projetor do cinema.

A década de 1920, que em Cajazeiras ficou marcada com o triunfo da cultura do algodão, desenvolvimento econômico e material, transformações no aspecto urbano, aquisição de novos elementos e signos de modernidade e sensíveis alterações na percepção que a população tinha sobre tempo e espaço, se encerrou com um grande evento político de proporção nacional e forte repercussão local, a revolução liberal de 1930.

A influência desse acontecimento sobre Cajazeiras pode ser percebida através de um elemento simbólico simples, mas significativo: ainda em 1930, a Rua Sete de Setembro, que vinha se consolidando como um dos trechos mais importantes e movimentados da cidade, foi renomeada como avenida Presidente João Pessoa (Leitão, 2005), em homenagem ao político paraibano assassinado no dia

³¹ **Jornal O Rio do Peixe**, Cajazeiras-PB, 20 de maio de 1926. p. 4.

26 de julho, episódio trágico que fomentou a rebelião em todas as partes do território nacional, sendo significativo para a vitória do novo regime político liderado por Getúlio Vargas (Fausto, 1995).

Um dos eventos sociais de maior importância que tiveram lugar na já então denominada avenida Presidente João Pessoa, foi a inauguração do chamado *Edifício OK*, em 1936. Esse empreendimento foi levado a cabo por meio da iniciativa do empresário José Lira Campos, um dos indivíduos mais bem-sucedidos comercialmente da cidade, dono de uma empreiteira empregada nas obras executadas pelo DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas) e de uma concessionária de veículos Chevrolet, a marca de automóvel mais vendida em Cajazeiras (COSTA, 1999).

O Edifício OK consistia em um pequeno complexo formado por um clube dançante, o *Excelsior Clube*, por um cinema sonoro, com instalações mais modernas que as de os seus predecessores, o *Cine Éden*, além de contar ainda com sorveteria, salão de cabeleireiro e manicure (Costa, 1999). Esses divertimentos foram bem recebidos na sociedade, contando com a aprovação do bispo diocesano D. João da Mata, que assumiu que lazeres tais como bailes e fitas de cinema eram saudáveis para a juventude de Cajazeiras, afastando divertimentos e vícios perniciosos, como os jogos de azar e os cabarés (Rolim, 2010).

A construção desse projeto começou em 1935, sendo inaugurado somente no ano seguinte, em um evento, que contou com a presença do então Interventor Federal, Argemiro de Figueiredo, e do jornalista Assis Chateaubriand. O caráter distintivo e exclusivista dessa cerimônia social pode ser atestado pela obrigatoriedade do uso do smoking como traje de gala masculino (Rolim, 2010). A áurea de elegância presente nesse evento não esteve, entretanto, restrita ao dia de sua inauguração. Frequentar as atrações mantidas no prédio, circular por entre aqueles ambientes e, principalmente, se manter em contato direto e habitual com indivíduos

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

de elevado poder aquisitivo, bem situados e quistos na sociedade cajazeirense, correspondia a uma forma de distinção social.

Conclusão

Em uma cidade em processo de modernização costumam ser criados espaços onde as elites possam se refestelar, através de agradáveis conversações em que termos eruditos fossem utilizados e plenamente compreendidos entre os presentes, em que temas e assuntos que estavam em voga no momento fossem discutidos, demonstrando assim o entendimento intelectual entre os pares. O Edifício Ok foi, portanto, no contexto da década de 1930, o espaço de sociabilidade por excelência dos grupos com maior poder aquisitivo e nível educacional em Cajazeiras.

E sua localização não foi estabelecida ao acaso. Como já discutimos, a avenida Presidente João Pessoa, desde a década anterior (quando ainda se chamava Rua Sete de Setembro), vinha ganhando destaque como um espaço movimentado, dinâmico, em que os transeuntes circulavam em busca de novidades e lazeres, tanto que alguns dos primeiros cinemas da cidade foram estabelecidos nessa rua. A inauguração do Edifício Ok, em 1936, coroa esse processo, designando definitivamente a avenida como um espaço referencial para aqueles que buscavam divertimentos, encontros e interações.

Nesse contexto, o Cine Éden se impunha como o único cinema em atividade na cidade. Os outros cinemas que anteriormente haviam sido estabelecidos, permaneceram poucos anos em atividade, prejudicados, de acordo com a crônica historiográfica local, pelas secas que acometeram a população em determinados períodos³². O Cine Moderno, por exemplo, que fora o mais importante cinema da década de 1920, se encontrava, quando do início das

³² MOREIRA, Mariana. A crise ameaça uma tradição. **Jornal A União**, 21 de outubro de 1984.

primeiras sessões exibidas no Éden, convertido em uma movimentada loja de roupas chamada *A Vencedora* (Leitão, 2000).

Mais que acolher um público seletivo e ávido pelas emoções das fitas de celuloide, o Cine Éden funcionava como espaço para a realização de determinados eventos sociais e festividades, em virtude de suas amplas dimensões e instalações confortáveis, que denotavam solenidade. A título de exemplo, podemos citar os bailes anuais do colégio Padre Rolim³³, instituição em que estavam matriculados os estudantes pertencentes às famílias mais economicamente privilegiadas de Cajazeiras.

O conjunto do edifício era, portanto, um espaço de sociabilidade frequentado pelas elites locais, que gozavam do prazer e da distinção que a presença dos seus pares possibilitava, desde a mais tenra idade escolar até os divertimentos dos adultos, que confraternizavam nos bailes do Excelsior Clube. Porém, as ligações e redes de sociabilidade estabelecidas entre os indivíduos e grupos não significam ausência de tensões, rupturas e desgastes nessas conexões.

A sociabilidade é um elemento histórico, o que significa dizer que a teia de relações tramada de acordo com interesses em comum, posição social e o prazer experimentado nas interações sociais, não se constitui tacitamente, não se compõe por meio de elos definitivos nem é imutável, atemporal (Agulhon, 2016). Ao contrário disso, é tecida pelos próprios grupos e indivíduos, elaborada por meio de ações, pensamentos, expectativas e sentimentos situados no tempo e no espaço, sendo, portanto, influenciados e conformados por esses elementos.

REFERÊNCIAS

AGULHON, Maurice. **Política, imagens, sociabilidade:** de 1789 a 1989. Trad. Francisco Javier Ramón. Zaragoza: Prensas de la Universidade de Zaragoza, 2016.

³³ **Jornal Centêlha.** AN. IV, N. 4. 26 de julho de 1937.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

AGULHON, Maurice. **Política, imagens, sociabilidade:** de 1789 a 1989. Trad. Francisco Javier Ramón. Zaragoza: Prensas de la Universidade de Zaragoza, 2016.

ARANHA, Gervásio Batista. Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925). In: Ó, Alarcon Agra do; SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de; SOUSA, Fábio Gutemberg R.B. de. *et.al.* **A Paraíba no Império e na República:** estudos de história social e cultural. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2005. p. 79-132.

CALISTO, Fernanda Pereira. **Cine Éden:** cinema e história em Cajazeiras (1970-1980). Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2014. 75 f.

COSTA, Antônio Assis. **A(s) Cajazeiras que eu vi e onde vivi.** 2. ed. Cajazeiras: Gráfica Real. 1999.

FIGUEIREDO, Ayrle Alves de. **Cajazeiras e cultura material:** entre o cabedal familiar e a fortuna de Francisco Beserra de Souza (1876-1900). Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2022. 89 f.

GAMA, Antônio; SANTOS, Noberto Pinto. Espaços de sociabilidade. **Vértice**, p. 13-19, out.-nov. 1997.

LEAL, Wills. **Cinema na Paraíba, cinema da Paraíba.** João Pessoa: Gráfica Santa Marta, v.1. 2007.

LEITÃO, Deusdedit. **Inventário do tempo.** 1. ed. João Pessoa: Empório dos livros. 2000.

MARINHO, Márcia Maria Fonseca. **Natal também civiliza-se:** sociabilidade, lazer e esporte na *Belle Époque* natalense (1900-1930). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008. 135 f.

ROLIM, Eliana de Souza. **Patrimônio Arquitetônico de Cajazeiras-PB:** memórias, políticas públicas e educação patrimonial. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. 146 f.

SILVA FILHO, Osmar Luiz da. Na cidade da Parahyba, o percurso e as tramas do moderno. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999. 336 f.

SILVA NETO, José Antônio da. **Cinema e sociabilidade:** uma história das relações sociais promovidas pelo cinema em Cajazeiras-PB (1950-1980). Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2021. 271 f.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia:** indivíduo e sociedade. Trad. Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar. 2006.

TUAN, Yi-fu. Geografía Romántica: em busca del paisaje sublime. Trad. Borja Nogué. 1. ed. Madri: Editorial Biblioteca Nueva. 2015.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade